

Retrato de Eugênio Gudín
por
Octávio Gouvêa de Bulhões



Foto Odilon B. Lacerda

Convidado por Luiz Simões Lopes a participar de uma nova instituição educacional, Eugênio Gudín não hesitou em aceitar o cargo e contribuir para o êxito da Fundação Getúlio Vargas. Há muito que percebera a necessidade de implantar-se em nosso país o ensino da economia. Observara essa falha em sua carreira de engenheiro, na construção de obras públicas, na direção ferroviária e na experiência de seus próprios empreendimentos.

O engenheiro empolgava-se pela conveniência da localização de uma construção, nem sempre a mais apropriada a uma finalidade econômica. Observara, em uma empresa ferroviária, serem retiradas de uso várias locomotivas, por simples falta de conservação. Tratava-se de grosseiro desperdício, revelador da ausência de senso econômico.

A par do trabalho profissional, Gudín tentou lançar inovações empresariais. A de maior realce foi a da produção de laranjas, destinadas à exportação. Conseguiu um produto esmerado, aceito no mercado internacional. Não contara, porém, com uma política de relativa valorização externa da moeda, em contraste com sua crescente desvalorização interna. Tal disparidade de valores diminuía a receita e aumentava o custo. E ironicamente o prejuízo crescia a par do acréscimo de produtividade. Tão deplorável resultado deve ter contribuído decisivamente para levar Eugênio Gudín a dedicar-se ao ensino de economia em nosso país. A oportunidade da oferta de Luiz Simões Lopes não poderia ser melhor, consubstanciada em um “núcleo de economia”, mais tarde transformado no Instituto Brasileiro de Economia. Desde logo, cogitou de levantar os índices de preços, de estimar o balanço de pagamento (já transferido para o Banco Central), avaliar o produto e a renda do país (serviço a ser transferido ao IBGE). Acima de tudo, programar o ensino da economia.

Em Bretton Woods, Gudín conheceu e tornou-se amigo de grandes economistas e experientes professores universitários. Recorreu a alguns deles para auxiliá-lo na programação do ensino da economia. Simões Lopes prontificou-se a criar uma faculdade no Instituto. Além disso, financiou a vinda de professores, tendo financiado, também, a considerável número de dedicados jovens, o curso de aperfeiçoamento no exterior. Em breve surgiram outras faculdades e a da Fundação foi transferida para a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estava, assim, implantado o ensino de economia e criada a carreira de economista.

Não obstante esse enorme serviço prestado por Gudín ao país, quis o destino evidenciar a sua capacidade como Ministro da Fazenda, lugar que ocupou a convite do Presidente Café Filho. Em sua curta gestão deixou registrada marcante atuação. Fez rever o orçamento, suprimindo o déficit e, portanto, sua influência inflacionária. Facilitou a entrada de capitais por meio da aceitação de equipamentos, maneira de conseguir a entrada de recursos do exterior. Desse modo, aliviava a escassez de bens de capital, provida da desastrosa política monetária antes descrita. O recebimento de equipamentos deu início à expansão industrial, inclusive à indústria automobilística.

Na relação dos cortes de despesas, é de assinalar-se a remoção do subsídio à gasolina. A supressão do subsídio levantou grande oposição, persuadidos os opositores de que se tratava de providência inflacionária, pois, eliminado o subsídio, os preços haveriam de subir. Ponderou Gudin que o aumento de preço da gasolina teria, sem dúvida, reflexo sobre os demais, mas em proporções inferiores. Diluída no conjunto dos preços, a elevação dos índices seria modesta. Além disso, tratava-se de um aumento que não se repetiria no futuro, ao passo que a preservação do subsídio, financiado inflacionariamente, levaria à repetição cumulativa da elevação geral de preços.

O acerto da orientação imprimida por Gudin tem sua confirmação na conduta dos índices de preços, que acusaram acréscimos bem inferiores aos do passado e voltaram a subir de maneira pronunciada porque a brilhante lição não só deixou de ser absorvida, como acabou sendo repudiada. Os subsídios foram ampliados e intensificados, resultando em renovada inflação, fartamente acelerada pela correção monetária. A aceleração imprimida pela correção monetária atingiu proporções de tal modo acentuadas que adveio a impossibilidade de eliminar-se o déficit público. Impunha-se suprimi-la para reduzir-se o dispêndio a níveis compatíveis com o esforço do equilíbrio orçamentário. A idéia de eliminar a correção monetária por meio da introdução de nova moeda possibilitou suprimir a correção de maneira psicologicamente aceitável. Ocorre, porém, que dada grande ênfase aos efeitos inflacionários (correção monetária), não se cogitou, ao mesmo tempo, de suprimir-se o restante do déficit público, provocado por outras causas que não a da realimentação inflacionária. Dentre essas outras causas figuram os subsídios, cuja lição de Gudin deve ser rememorada.

O desconhecimento do custo inflacionário dos subsídios, muito superior ao de sua supressão, conduz à insistência em mantê-los. Uma insistência ilusória porque o beneficiado acaba sendo punido. Na hipótese de recorrer-se a receitas tributárias, afastando o déficit e, portanto, a inflação, impõe-se ponderável sacrifício aos investimentos, cuja ausência no futuro provavelmente venha a ser acentuadamente nefasta aos consumidores. O subsídio não é o caminho apropriado à assistência social e revela-se notoriamente nocivo à produção. O produtor subsidiado olvida-se da produtividade e da eficiência.

No seu entusiasmo pelo ensino de economia, Gudin muito estudou e muito se informou. Fez parte do corpo docente da Faculdade iniciada na Fundação e, depois, transferida para a Universidade Federal. Exercitou a transmissão dos conhecimentos adquiridos, conseguindo ser muito claro na exposição, nas aulas e nos compêndios que escreveu. Solicitado, às vezes, a expor resoluções econômicas ao Presidente da República, Gudin respeitava a diminuta inclinação do Presidente às complexidades econômicas. Era, pois, necessária grande capacidade de síntese, e nisso Eugênio Gudin se aperfeiçoou de maneira extraordinária, colocando o essencial em meia página de papel ofício.

Tais qualidades de síntese e clareza, aliadas a invejável cultura geral, permitiram a formação de um articulista de primeira grandeza. Essa tarefa ele a prolongou até recentemente, sendo acertado dizer-se ter Gudin brindado seus leitores com um artigo ao completar um centenário de existência, caracterizada pela devoção ao bem público e pelo trabalho de engrandecimento da cultura do país.

A pedido do autor, republicamos a tabela 3 do artigo A Relação de Phillips no Brasil: 1964-66 x 1980-84, de Rubens Penha Cysne (*RBE*, 39 (4): 401-22).

Tabela 3
Estimativas da Curva de Phillips
Equação (18) – período 1950-83

$$\pi_t = C + \beta_3 \pi_{t-1} + (k + a) h_t^I - a h_{t-1}^I + \alpha_1 D_1$$

Coefficiente (Estatística *t*)

Equação C	π_{t-1}	h_t^I	h_{t-1}^I	D_1	R^2 (Durbin h)	Método
(30) 0,04 (0,91) -54×10^{-4}	0,92 (6,3) 1,09	-0,37 (-0,75) 0,40	0,74 (1,42) —	— — —	0,79 (0,32) 0,77	MQO
(31) (-0,14) 53×10^{-3}	(9,80) 0,80	(1,75) 0,35	— —	0,23 (3,65)	(0,46) 0,84	VI
(32) (1,58) 46×10^{-3}	(6,96) 0,83	(2,00) 0,47	— —	(3,65) 0,23	(-0,22) 0,84	MQO
(33) (1,32)	(7,04)	(2,42)	—	(3,71)	(-0,42)	VI